

RESENHA

SAMPSON, Helen. **Trabalhadores marítimos internacionais e transnacionalismo no século XXI**. Campinas: Ed. Unicamp, 2018.

Marina Cordeiro¹

O livro de Helen Sampson, recém-traduzido para o português, é uma obra com muitas qualidades. Destaco sua descrição etnográfica, que, além de tratar questões essenciais sobre os trabalhadores marítimos transnacionais em um contexto de globalização, traz à tona uma discussão metodológica relevante para as ciências sociais na contemporaneidade.

O objetivo desta pesquisa foi tentar entender como os trabalhadores marítimos, circulando em navios cargueiros comerciais, “viviam: como sobreviviam no mar e como lidavam com as longas ausências (associadas ao trabalho) de seus lares, amigos e familiares” (SAMPSON, 2018, p. 299). A narrativa socioantropológica é envolvente. A descrição que Sampson faz de sua primeira entrada em um navio, ao observar “os degraus metálicos de aparência precária que desciam de modo íngreme do deque” (o passadiço) (SAMPSON, 2018, p. 23), desvenda uma franqueza pouco comum nos debates sobre trabalho de campo nas ciências sociais: “o nó no meu estômago apertou, mas me preparei mentalmente e comecei a andar em direção à ameaçadora estrutura de metal que, além de hostil, parecia não ter condições de enfrentar o mar (para meus olhos inexperientes)” (SAMPSON, 2018, p. 24). As descrições seguem minuciosas ao longo do livro, trazendo relato apurado sobre o cenário e utilizando trechos de diários de campo e entrevistas. Além disso, Sampson usou um aporte fotográfico, tornando as “viagens” um percurso sobre uma complexa trama de relações sociais.

O tema do transnacionalismo na indústria de transporte marítimo contemporânea, com base na estrutura global de mercado de trabalho, é tratado de modo a elucidar seus efeitos sobre o espaço social do navio, seu impacto no cotidiano dos trabalhadores marítimos e nas relações destes com suas comunidades de origem e sociedades anfitriãs. Sampson esteve a bordo de navios cargueiros distintos, todos com tripulações exclusivamente masculinas – sendo a viagem mais curta de duas semanas e a mais longa de quarenta e dois dias –, selecionados com base no critério comum de contarem com tripulações multinacionais. Sua coleta de dados tomou como base o grupo de marítimos transmigrantes de Gana e Cabo Verde, à procura de trabalho no norte da Alemanha, ou vindos das regiões de Goa e Mumbai, na Índia.

Premiada com o Ethnography Award² (2014), a pesquisa de Sampson aborda importante questão metodológica referente ao impacto da globalização na ciência social e particularmente quanto ao método etnográfico. Por meio das trilhas da abordagem etnográfica multissituada (*multisited ethnography*), a autora demonstra com maestria e sensibilidade a experiência de trabalhadores que se encontram conectados (ou desconectados?) a mais de uma localidade, considerando ainda a tripulação do navio como uma sociedade temporariamente instituída.

¹ Marina Cordeiro é Profa. Adjunta do Departamento de Ciências Sociais (DCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Organizado pela Associação Britânica de Sociologia (BSA) em parceria com a Rádio BBC, o prêmio Thinking Allowed enaltece estudos de residentes britânicos atuantes como docentes ou estudantes no Reino Unido que apresentem trabalhos etnográficos classificados como exitosos por um corpo de jurados. A proposta é valorizar pesquisas que tenham contribuído de forma significativa para a análise etnográfica, considerando estudos sobre a vida cotidiana em profundidade. Maiores informações sobre o prêmio estão disponíveis em: bbc.co.uk.

Para os leitores brasileiros, o texto tem a prerrogativa de trazer à baila o debate sobre o tema, preenchendo uma lacuna no que se refere ao trabalho etnográfico na contemporaneidade e seguindo o caminho de autores como Marcus (1995) e Hannerz (1997; 2003). Estes questionam o método etnográfico clássico – aos moldes de Evans-Pritchard – e pontuam a necessidade de inovar a etnografia de modo a acompanhar a vida de indivíduos que, em conexão com a “globalização no trabalho”, atuam em fluxos ocupacionais. No caso dos marítimos, o trabalho de campo realizado em períodos relativamente curtos de tempo e em múltiplas localidades buscou identificar e descrever a vida “real” desses trabalhadores afetados pelo capitalismo global (capítulos 4-8).

Sampson também realiza um escrutínio rigoroso do conceito de *transnacionalismo*, apontando a necessidade de uma definição mais clara para sua operacionalização em uma análise de dados (capítulo 2). Ao tratar dos marítimos, que poderiam ser percebidos como o “caso que não se encaixa” (BECKER, 2007), a autora observa os limites e as potencialidades conceituais do termo e na literatura sobre transmigração, questionando a perspectiva (ainda que implícita, ressalta a autora) de que o transnacionalismo seria “emancipatório”. No caso retratado, surgem como significativas as limitações dos migrantes à capacidade de coexistir através das fronteiras. Os marítimos, que trabalham por “longos períodos a bordo das embarcações, frequentemente sob contratos de nove meses e por vezes ainda mais extensos” (SAMPSON, 2018, p. 25), demonstram sentimentos de exclusão tanto em suas localidades de destino quanto de origem e mesmo nas embarcações em que trabalham. Por meio de análise atenta, a autora descortina os limitantes da hierarquia ocupacional, da nacionalidade e da intolerância cultural, da discriminação, o *status* legal e as leis de imigração desses trabalhadores globalizados, para sua integração nos espaços sociais dos quais fazem parte.

Para abordar a realidade dos trabalhadores de uma indústria de transporte por embarcações na “vanguarda da globalização”, mas que não necessariamente produz “relações sociais transnacionais”, a autora utiliza a noção de *espaço estruturado* (capítulo 2). Com base nessa categoria, Sampson discute como os espaços sociais são organizados por elementos que incidem nas possibilidades de integração dos trabalhadores migrantes, requerentes de asilo, e dos trabalhadores estrangeiros com contrato, em um movimento dinâmico e complexo. O argumento central do livro é o “de que a ‘estrutura’ dos espaços ocupados pelos migrantes e transmigrantes impacta significativamente os tipos de relações sociais que eles desenvolvem e a extensão em que estas podem ser descritas como transnacionais” (SAMPSON, 2018, p. 37).

A autora mostra como os próprios recursos dos marítimos “influenciaram sua capacidade de ocupar e negociar o espaço, mas não a determinaram” (SAMPSON, 2018, p.314). Nesse sentido, pelo lado das sociedades anfitriãs, é possível acessar o universo dos trabalhadores “dependentes de seguro-desemprego” de Hamburgo, “presos” à Alemanha após a adesão da frota alemã à transferência de registro, residentes de longa duração em albergues, presos em “vidas de desemprego, pobreza, tédio e solidão” (capítulo 4). Pelo lado das comunidades de origem, a autora mostra a experiência do sentimento de marginalização dos marítimos no retorno para casa, percebendo a si mesmos e aos colegas como “bancos da família”, como uma “vaca leiteira” a ser ordenhada pelos familiares (capítulo 8). O texto aponta os perigos da marginalização associada ao novo contexto da migração, chamando atenção para a dimensão de “dupla exclusão” que experimentam esses trabalhadores. Ao ressaltar o sofrimento e as *fraturas emocionais*, custos emocionais em termos de isolamento e solidão nas sociedades de origem e anfitriãs, a autora questiona a ideia de que a presença significativa em mais de um espaço social seria uma marca da transnacionalidade.

Ao tratar do avanço do processo de globalização na vida dos marítimos, o texto esclarece as alterações que foram aplicadas ao longo do tempo: os mecanismos de transferência de registro, os “Estados de bandeiras” e o desenvolvimento das agências de recrutamento internacionais (capítulo 3). O mecanismo de abertura dos registros, também conhecido como “Bandeiras de Conveniência” (BdCs), passou a permitir aos operadores/donos de navio modificarem os registros de localização de suas embarcações, determinando o Estado sob cuja jurisdição ele opera – em movimento similar ao das plantas fabris em busca de redução de custos e trabalho barato. Sampson aponta como a globalização econômica extensiva atinge o setor por meio de dois aportes principais: a relação entre o local da propriedade da embarcação e o local de registro do navio; o grau em que as empresas vasculham o mundo em busca de zonas de produção baratas, porém eficientes. Dentre as consequências desse processo, destacam-se a internacionalização da tripulação; a dominação do trabalho terceirizado, tornando incomum o recrutamento direto e baseado em recomendações pessoais; o desconhecimento dos marítimos em relação a seus empregadores; a proliferação dos casos de abandono registrados na Federação Internacional dos Trabalhadores em Transportes (ITF), deixando os marítimos abandonados e sem pagamento. Nesses termos, a globalização no setor leva a enquadrar os marítimos como “trabalhadores precários”, com contratos longos e geralmente temporários, contratados ou demitidos arbitrariamente (sendo o ativismo sindical punido), tudo isso apontando para uma “deterioração geral nas condições de trabalho e vida no mar” (SAMPSON, 2018, p. 108).

O levantamento dos processos históricos e o uso de estatísticas e entrevistas com administradores de navios demonstram como este setor se tornou um “mercado de trabalho livre de tudo”. A autora destaca ainda a ascensão das empresas de gestão, que realizam um tipo de terceirização de serviços relacionado a aspectos comerciais das operações de um navio e/ou funções de gestão técnica, como recrutamento de tripulação e gerenciamento de suprimentos e manutenção. Trata-se de uma mudança significativa no setor ao longo de um período relativamente curto, com grande impacto sobre os marítimos transmigrantes.

Para Sampson, o navio é “como um monstro laborioso e os marítimos trabalham nele sem parar, 24 horas por dia” (SAMPSON, 2018, p. 193). Ela descreve as condições de trabalho nos navios (capítulos 5 e 6), apontando os diferentes processos impostos aos marítimos nas embarcações. Ela também revela a hierarquia entre marinheiros, capitão e chefes de máquinas, em conexão com questões de discriminação, nacionalidade e identidade cultural, gerando conflitos e dificuldades de integração interna nos navios. Nessa trama, fronteiras entre oficiais e marinheiros podem ser redesenhadas, refletindo uma atuação conjunta entre nível ocupacional e nacionalidade, gerando interditos nos usos dos espaços sociais dos navios (restritos e escassos, em especial nas embarcações mais novas) e impedindo a integração de modo significativo nas relações sociais a bordo.

Por fim e não menos importante, destaca-se a atenção dada às questões de gênero, trazidas à tona pela pesquisa. Inicialmente, consideram-se os elementos que incidem sobre o fato de pesquisadora estar em ambiente marcadamente masculino (capítulo 1) e os efeitos do trabalho dos marítimos na vida de suas esposas, ao abordar o impacto da migração sobre as comunidades de origem (capítulo 8). Explorando a ideia de *campo social transnacional*, o texto volta sua atenção para as famílias dos trabalhadores, refletindo sobre a possibilidade de as pessoas ligadas aos migrantes se tornarem transnacionais. Exploram-se ainda os impactos da ausência prolongada dos membros do sexo masculino nos lares da Índia e sua incidência sobre as normas de gênero e atuação de suas esposas. Ao revelar as distinções entre os casos de Mumbai e Goa, Sampson descreve os pormenores da vida familiar. Particularmente interessante é a

abordagem sobre os processos de adaptação pelos quais esposas e maridos passam, considerando um sistema de trabalho que pressupõe longas distâncias da família e que acaba por colocar a independência feminina como uma necessidade e “ameaça à identidade dos homens como chefes de família” (SAMPSON, 2018, p. 275). É possível perceber a ambiguidade vivida por essas mulheres ao perceberem que a ausência masculina lhes permite um ganho temporário em termos de independência e o sentimento velado de que seus retornos são “interferências” em seu cotidiano: “o tempo tem sido seu e, quando eles voltam, pequenos ajustes devem ser realizados. Às vezes você deve fingir, às vezes é genuíno” (SAMPSON, 2018, p. 278). Também é possível perceber o impacto do transnacionalismo e do contato com outras normas culturais na atuação dos marítimos em relação ao trabalho não remunerado no retorno aos seus lares, assim como na própria “ampliação de horizontes” das esposas que tiveram a oportunidade de viajar embarcadas com seus esposos. Nesse debate, a autora chama atenção para as diferenças entre espaço social público e privado e sobre como a presença/ausência (física ou emocional) dos marítimos impacta no cotidiano de suas famílias, considerando as lentes de gênero – elemento também incomum nos estudos da área.

Em resumo, o livro estimula, por meio de dados e pesquisa originais, diálogos entre antropologia e sociologia, renovando o debate sobre as dimensões micro e macrosociológicas. O texto abre, portanto, perspectivas frutíferas de pesquisa e de debates teóricos a respeito dos estudos sobre trabalho e globalização.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard. Segredos e truques da pesquisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- Hannerz, Ulf. Being there... and there... and there!: reflections on multi-site ethnography. *Ethnography*, v. 4, n. 2. p. 201-216, jun. 2003.
- _____. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, abr. 1997.
- Marcus, George E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography, *Annual Review of Anthropology*, 24, p. 95-117, 1995.
- SAMPSON, Helen. Trabalhadores marítimos internacionais e transnacionalismo no século XXI. Campinas: Ed. Unicamp, 2018.

Recebido em: 01/11/2019

Aceito para publicação em: 28/04/2020